

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias
Contemporâneas

MARCILENE DE SOUZA ALVES

**REALOCAÇÃO – CAMINHOS DA ARTE NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS
SENTIDOS**

Belo Horizonte

2023

MARCILENE DE SOUZA ALVES

REALOCAÇÃO – CAMINHOS DA ARTE NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS SENTIDOS

Monografia de Especialização em formato de artigo científico (versão corrigida) apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias contemporâneas – CEEAV, da escola de belas artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Gabriela Clemente de Oliveira

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: **MARCILENE DE SOUZA ALVES**, Nº. DE REGISTRO: **2021722907**.

TRABALHO FINAL: "**REALOCAÇÃO – CAMINHOS DA ARTE NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS SENTIDOS**".

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

APROVADO em 14 de julho de 2023, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Professora Me. Gabriela Clemente de Oliveira (Orientadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)

Professora Dra. Rosvita Kolb Bernardes (Membro da Banca Examinadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Clemente de Oliveira, Usuária Externa**, em 14/07/2023, às 21:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosvita Kolb Bernardes, Servidor(a)**, em 17/07/2023, às 11:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2474055** e o código CRC **B830A44B**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte deste percurso. Aos meus amigos pelo incentivo em buscar o aprendizado constantemente, minha família, que sempre me apoia me oferecendo base sólida para buscar meu crescimento pessoal, aos meus queridos alunos que me inspiram para ser minha melhor versão profissional e me permitem aprender com eles todos os dias. Ao meu pai e outros entes queridos (em memória), que me concederam lindas trocas e aprendizados que levarei para toda a vida.

Agradeço ainda ao meu companheiro por me ajudar em tudo com entusiasmo e atenção; a minha orientadora Gabriela Clemente pelo amparo durante o processo de desenvolvimento deste trabalho, oferecendo generosos conselhos e escuta atenta em suas orientações, minha querida professora Rosvita por fazer parte da banca examinadora, aos professores e coordenadores do curso que nos ofereceu todo o suporte ao longo deste processo e em especial a minha irmã, Márcia Alves, pela atenciosa correção ortográfica.

RESUMO

A criatividade genuína que o livre brincar desperta se mostra atraente pela ótica artística, uma vez que as conexões de interpretação e organização dos brinquedos ou objetos, propiciam novos sentidos de construção de saberes a partir do imaginário infantil. Proporcionar para crianças experiências que propiciem o autoconhecimento através da autonomia e expressividade favorece o despertar de sua vocação, tais experimentos permearão as descobertas no que tange sua própria essência. A liberdade de vivenciar experiências a partir da arte, sem dúvidas, trará um alento sensível para guiar este ser em formação em qualquer direção que se escolha seguir. A Arte é também construção de novos sentidos, é percepção de mundo, é exteriorização, expressar-se diante do mundo. Portanto, dar vazão à criatividade é deixar fluir a imaginação e poder experimentar sensações que também nutre nossas percepção e construção de saberes. Através da experiência estética o sujeito se transforma modificando sua ideia de mundo. Mundo este que espera e anseia por novos olhares, críticos e imaginativos, atraídos por singular discernimento, impulsionados pela interpretação imaginativa do mundo que nos cerca.

Palavras-chave:

Experimento; imaginação; expressividade; brincadeira.

ABSTRACT

The genuine creativity awakened by free play is attractive from an artistic perspective, as the connections of interpretation and organization of toys or objects provide new senses of knowledge construction from the child's imagination. Providing experiences for children that foster self-awareness through autonomy and expressiveness favors the awakening of their vocation; such experiments will permeate discoveries regarding their own essence. The freedom to undergo experiences through art will undoubtedly bring a sensitive solace to guide this developing being in whichever direction they choose to pursue. Art is also the construction of new meanings; it's a perception of the world, an externalization, an expression in the face of the world. Thus, unleashing creativity is allowing imagination to flow and being able to experience sensations that also nurture our perception and knowledge construction. Through aesthetic experience, the individual transforms, altering their idea of the world. This world awaits and yearns for new, critical, and imaginative perspectives, drawn by singular discernment and propelled by the imaginative interpretation of the surrounding world.

Keywords: Experiment; imagination; expressiveness; pranks.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. ENTRE A MATERIALIDADE E A CONSTRUÇÃO.....	13
3. CONSTRUÇÕES HÍBRIDAS: ASSEMBLAGENS INFANTIS.....	17
4. OBJETOS INSTIGANTES E O DESPERTAR DA CONSTRUÇÃO ARTÍSTICA.....	25
4.1 Proposta pedagógica.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6. REFERÊNCIAS.....	34

1- INTRODUÇÃO

Durante o desenvolvimento do sujeito, a experiência estética é capaz de enriquecer o aprendizado, trazendo percepções e sensações diferenciadas em todas as áreas da vida. As experiências estéticas que vivenciei sempre estiveram atreladas predominantemente ao universo artístico, quando, desde muito cedo, se apresentou a mim como uma conexão entre a vida e a forma de compreendê-la. A partir de experimentos ligados à arte conheci este fabuloso universo e o quis para a vida inteira. Compreendi, então, a arte como a luz da minha existência e a encaro como vocação. Comecei a apreciar e experimentar a arte através da delicadeza e sensibilidade do meu pai, que nos ensinou (a mim e aos meus irmãos) a fabricar brinquedos. Naquele tempo mal compreendíamos que aquela era uma maneira de driblar as adversidades de uma vida um tanto limitada. Mesmo com poucos recursos ele nos mostrou que tínhamos o universo inteiro: a criatividade! E assim ele me deu o mundo, e de repente eu podia ser o que eu quisesse ser. Escolhi ser artista e ver a vida assim como ele que foi, tão cedo, morar com as estrelas, me deixando um importante legado. Legado este que me preenche todos os dias.

Assim como nos contos do meu pai, nasci do amor de uma guerreira e um aventureiro! Uma guerreira que tinha o poder de direcionar nossa agitada vida familiar e nos ensinar valores que até hoje carregamos orgulhosos como um símbolo de bom caráter. Ao passo que o aventureiro, cuja personalidade era alegre e falante, trazia para perto de si as crianças de casa e as da vizinhança também. O homem com ar sorridente, que levava no rosto uma feição tranquila e expressiva, contava piadas e histórias que não se sabe se provinha de sua inigualável criatividade ou de sua vasta memória. Contador de histórias nato encantava a todos a seu redor com seu carisma e astúcia. Corajoso e apaixonado por crianças “fabricou” para si uma porção delas.

Desde então, conquistou seus seguidores: assim, tinha voltados para si vários olhinhos atentos esperando pela próxima graça ou história. De um lado tive como inspiração a guerreira, sempre conduzindo e orientando de um jeito tão inspirador que via nela a firmeza de querer e conquistar tudo o que se quer, e de outro lado, através da sensibilidade, fui nutrida pelo prazer de descobrir a arte, por meio de experiências

estéticas. Embora tenha recebido como influência a perspicácia e a leveza, a firmeza e a concessão, através das personalidades distintas de pai e mãe, os momentos mais marcantes que me recordo foram os que, em contato com a arte, pude experimentar as mais variadas sensações.

Com pouco mais de dois anos de idade, ao observar meu pai construindo um objeto fui acometida por um profundo entusiasmo: era feito com borrachas de pneu e tinha quase o meu tamanho. Planejando criar um brinquedo onde pudéssemos nos balançar, meu pai fabricava um grilo gigante. Ainda me lembro desse feito (que não chegou a ser concluído). A lembrança mais nítida é dos olhos do bicho: tratava-se de uma bola transparente que fora encontrada na rua e que anteriormente pertenceu à marcha de um ônibus. Meu pai serrava a tal bola ao meio, tencionando reproduzir gigantescos olhos. Observando o aspecto da bola enquanto adquiria formato de olhos chamei-a de “bolinha cortadinha”. Não bastasse tal nomenclatura, ainda a comparei com a parte íntima do nosso cão (Tigre), que adormecia ao lado. Então disse: “O Tigre tem uma bolinha cortadinha igual ao oio do glilo que o pai tá fazendo”. Lembro-me que tal percepção deu origem a um momento um tanto embaraçoso, no qual suspeitei ter dito algo que não deveria, pois minha mãe ficou sem jeito e meu pai achou graça, riu bastante.

Observo que, apesar de embaraçoso, ninguém conteve minha percepção, conclusão e fala. Recordando fatos que me proporcionaram o que hoje considero minhas primeiras experiências estéticas, percebo que proporcionar às crianças espaço e liberdade para investigação oportuniza conhecimentos que, quando vinculados à experimentação, se torna mais significativos. Mais do que isto, deixá-las organizar seus pensamentos e construir sua própria narrativa com base nas percepções do mundo que as cerca, contribui para um aprendizado diferenciado, tal ação é capaz de aguçar a curiosidade em descobrir, experimentar, sentir, vivenciar, explorar e perceber de forma mais abrangente os assuntos e propostas ofertadas. Dessa forma se constrói um terreno fértil para que desponte através do imaginário das crianças, novas possibilidades de interação com as demais vivências que a vida lhes trará. Neste sentido, certamente haverá um diferencial na forma como a brincadeira irá despontar durante a interação da criança com os espaços onde ocorre o brincar.

Desde a infância persiste uma forma singular de como percebo os brinquedos. Aprecio quando estão particularmente quebrados, pois, há neles uma beleza especial

capaz de oferecer inusitadas perspectivas. Dessa forma é que sinto despertar uma inexplicável curiosidade sobre o que tal objeto poderá se tornar. A experiência de observar o emprego de objetos encontrados à deriva despontou há pouco tempo (ou há pouco tempo consegui enfim perceber e dar vazão a essa demanda). Esse processo se deu ao constatar que a ação de coletar materiais, expressa um resgate lá da infância. O ato de coletar partindo de caminhadas aleatórias, bem como o movimento de me abaixar para recolher objetos, são ações quase inconscientes. A priori porque tal objeto de certa forma me chama. Utilizo o termo chamar, considerando não somente a atenção dispensada a ele, mas também porque o item em questão para mim tem voz. Como se me pedissem que os recolhesse do chão.

A “operação cata-cata” sempre se fez presente na minha infância, quando a brincadeira era parte da convivência em família e os brinquedos eram inventados. Alguns eram doados, outros quebrados e velhos. É engraçado perceber como aquilo que não vem pronto desperta em mim, de um jeito sagaz, peculiar interesse. Atualmente ofereço fragmentos de materiais eletrônicos e pedaços de brinquedos como possibilidade de criações artísticas ao trabalhar com crianças. Percebo nesta prática um recurso potente e a utilizo como forma de aguçar a curiosidade das crianças. Além de nutrir sua criatividade natural, pois, a prática de recolher objetos, a princípio aleatórios, e utilizá-los como um disparador para o processo de inventividade, proporciona maior autonomia aos feitos. Também oferece múltiplas possibilidades criativas durante a brincadeira. Sabendo que a brincadeira permeia as ações das crianças na maior parte das atividades, por que não mediar algumas delas com propostas artísticas e brincadeiras? Neste caso, a construção de brinquedos partindo da assemblagem tornou-se o foco principal das minhas abordagens com as crianças.

Houve um tempo em que tive acesso a muitos brinquedos antigos pertencentes ao Museu dos Brinquedos de Belo Horizonte. As lembranças mais intensas que tenho são da parte de dentro dos brinquedos, em especial as bonecas, que estavam danificadas e que, em decorrência disso, passariam por um processo de restauro. Eram tão bonitas daquele jeito: Quebradas, mostrando como foram feitas e quais mecanismos foram utilizados no passado para originar seus movimentos. Havia beleza principalmente nas partes que eram consideradas estrago. Era fascinante o amarelado envelhecido das tintas e os puídos das roupas corroídas pelo tempo. Estas

apresentavam desgastes adquiridos, também, através do demasiado brincar. Durante este período foi o tempo em que mais brinquei de bonecas: brincava através do toque e da imaginação surpreendia-me frequentemente com a história de muitas delas. Neste período aprendi muito sobre a história de diversos brinquedos. Também aprendi bastante sobre construção, mecanismo e movimento e este aprendizado reverberou no meu processo criativo. Em virtude de inspirações como estas e outras recebidas na infância encaro o gosto pela arte uma forma de me conectar com o mundo. À medida que crescia, um dos caminhos foi se estreitando de modo que não me via noutra direção que não a da arte. Ao passo que um questionamento disparado ainda na infância (O que você quer ser quando crescer?) ecoava por dentro exigindo resposta ou atitude. Através das escolhas e dos caminhos trilhados me descobri mediadora. Desde então, não conseguia mais ver a arte se não como um tripé onde o fazer, pesquisar e ensinar estavam em tão visível conexão que me despertou para acudir este lado em mim, a fim de trazer completude em minhas ações. Vejo-me criança enquanto ministro aulas de arte, pois a conduzo forma que me foi apresentada, reproduzindo os caminhos que me trouxeram até aqui. Assim me divirto revisitando meu universo infantil. Sendo a adulta brincalhona que, por vezes, se diverte mais do que as crianças ou tanto quanto. Poder ensinar uma criança a construir seu próprio brinquedo é também me reconectar ao meu pai, ao passado. Encontrar-me. A palavra construção me desperta, recordo-me criança orgulhosa em construir uma casa de papelão. Por esta razão busco propiciar este espaço de descoberta e conquista da criança pelos seus próprios feitos. Entretanto, sem que eu percebesse sozinha, precisou de alguém me dizer: “Que tal professora?”, para então, conseguir considerar esta possibilidade e trazer para minha vida.-.

2- ENTRE A MATERIALIDADE E A CONSTRUÇÃO

Apresenta-se como objetivo principal deste trabalho, a proposição de diferentes experimentos artísticos voltados para o público infantil, com faixa etária a partir de 04 anos de idade, para desenvolver experimentos orientados durante o processo de ensino aprendizagem na educação infantil. Além disso, proporcionar espaço instigante capaz de aguçar a experimentação através da Arte na escola. Ademais, oferecer como apoio, mediações e orientações durante os processos artísticos individuais, buscando interferência adequada e equilibrada: orientando as crianças, mas também estimulando sua autonomia. De modo que busquem suas próprias conexões, partindo de soluções encontradas por elas mesmas durante o percurso criativo, através da própria percepção e imaginação. Sobre o processo imaginativo da criança, Vygotsky (1990) menciona que através da imaginação, podem-se criar diferentes combinações: ora com elementos reais, ora com elementos provenientes da fantasia, originando níveis de combinações de diferentes graus.

Contudo para que isto ocorra, é necessário instigar as crianças munindo-as previamente de conteúdos teóricos através de diálogos que sejam pertinentes e que tenham conexão com a realidade delas de acordo com suas vivências, faixa etária e meio social. Sob essa perspectiva, a teoria: livros, música, teatro, imagens e histórias trarão importantes contribuições que serão capazes de transformar a experimentação em um rico momento de aprendizado de cada um. Sobretudo no que diz respeito à experimentação tanto individual quanto coletiva. Isso considerando os momentos de atividades e aprendizagens em grupo, aos quais envolve a prática conjunta que será avaliada junto com a interação do grupo, com o imaginário e a contribuição de cada criança, partindo de suas ideias e organização espacial dos objetos ofertados. Contudo é esperado que propostas como estas instiguem e despertem a investigação peculiar de cada criança. Normalmente este processo investigativo se dá de forma livre e fluida, considerando que a interação das crianças através do brincar e a liberdade em tatear, sentir e perceber os objetos as inspirem de maneira natural. Segundo Benjamim:

as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre atividade sobre as coisas. Sentem-

se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou no doméstico, na costura ou na marcenaria (Benjamim, 2000, p.18 e 19).

Dessa forma, é interessante aproveitar a curiosidade infantil e a natural motivação delas para a investigação acontecer naturalmente durante a mediação. Desta maneira, as perguntas e hipóteses que surgirem, serão parte do caminho onde todo o grupo irá trilhar no processo deste estudo. Assim, os direcionamentos poderão ser pautados nos interesses das crianças de modo que as experimentações sejam fruto do percurso investigativo delas, provocando questionamentos e deixando fluir a imaginação para que este processo seja cada vez mais autêntico. Portanto, este trabalho tem o objetivo de contribuir com o processo de ensino aprendizagem nas escolas, visando oferecer como possibilidade de recurso a livre experimentação de propostas que classifico como ludicidade brincante através do recurso da assemblagem para o despertar da construção de brinquedos nas aulas de Arte com crianças a partir de quatro anos de idade.

Para tanto serão oferecidos pedaços de brinquedos, sobras de tecidos e fragmentos de materiais eletrônicos como proposições artísticas, além de elementos da natureza, por exemplo, galhos, pedras, folhas secas. Estes e outros tipos de resíduos como sucatas e materiais distintos, serão trazidos para fomentar o processo investigativo e de construção tencionando aguçar a curiosidade e a investigação das crianças através da materialidade. E assim, utilizá-los como disparador para o processo criativo das assemblagens durante a interação das crianças com os objetos, o espaço o brinquedo e a brincadeira. Com isso, tenciona-se aguçar a curiosidade e investigação das crianças, através da materialidade durante o processo criativo que chamo assemblagem/brinquedo. E assim, será possível observar a maneira com a qual ocorre a pesquisa espontânea infantil. De acordo com Barbieri:

Para que tomemos consciência do que vivemos, é fundamental observar e questionar o mundo à nossa volta, de forma a ensinar a cada criança o papel de pesquisador frente ao que se apresenta em seu caminho – como as nuvens, as labaredas de uma fogueira, a areia, a terra, a água e outros tantos elementos e ideias. Para isso, é necessário que o educador também seja pesquisador e criador, que se indague sobre o mundo e os assuntos estudados – antes e com crianças – e com elas vá fazendo perguntas, investigações e descobertas – ouvindo-as, observando-as, traduzindo seus olhares e sons e ampliando suas questões (Barbieri, 2012, p.19).

Com base no que aponta a pesquisadora, proporcionar às crianças espaço e liberdade para investigação oportuniza conhecimentos que, quando vinculados à experimentação, se tornam mais significativos. De modo que ações como estas citadas acima contribuam para um aprendizado diferenciado, capaz de aguçar a curiosidade em descobrir, experimentar, sentir, vivenciar, explorar e perceber de forma mais abrangente as coisas que aprendemos ao longo de nossa experiência de vida. Dessa forma se constrói um terreno fértil para que desponte, através do imaginário das crianças, novas possibilidades de interação com as demais vivências que a vida lhes trará. Neste sentido, certamente haverá um diferencial na forma como a cada criança irá interagir, reagir, propor, criar, sugerir a partir de suas próprias indagações, perspectivas e construção de saberes.

Dessa maneira, através da interação com objetos de naturezas distintas, faz-se possível provocar a curiosidade das crianças e instigá-las para construções inusitadas. Então ao entrar em contato com esses objetos, diferentes dos que comumente encontramos no ambiente escolar, a maneira de interagir, interferir e alocar das crianças sejam pautadas na forma peculiar que cada indivíduo percebe, interage e organiza suas construções. Assim como Gandhi Piorski sugere em seu livro *Brinquedos de chão* (2016), onde a criatividade surge do ato de criar coisas a partir das conexões elaboradas utilizando objetos encontrados ao acaso. A esta ação, de coletar objetos ao acaso dá-se o nome (assemblagem), termo de origem etimológica francesa ao qual atribui-se o significado de realizar colagens ou composições artísticas a partir de materiais ou objetos diversos. Assim, os objetos escolhidos recebem funções distintas ao habitar novas composições. Portanto o ato de encontrar objetos e organizar livremente uma construção, poderá influenciar na maneira que cada criança percebe e se conecta com esses objetos bem como tal atitude pode reverberar na maneira como irão criar e manusear seus brinquedos e também em como constrói seus saberes durante as brincadeiras em seu processo de construção de brinquedos. Com base no que se espera da proposição citada acima, busco salientar a importância da mediação como um disparador capaz de potencializar as assemblagens infantis pois ao mediar instigando as crianças através da materialidade oferecendo proposições distintas, é possível impulsionar um diálogo entre pensamento e ação principalmente ao oferecer espaço e escuta atenta às respostas encontradas pelas crianças em decorrência percurso investigativo que a

arte propicia. E que por sua vez, proporciona embasamento teórico e prático a partir da experiência lúdica para fomentar a construção de saberes com o foco na construção de brinquedos a partir do imaginário, da percepção e a cognição infantil.

3 CONSTRUÇÕES HÍBRIDAS: ASSEMBLAGENS INFANTIS

Ao valorizar a forma peculiar que as crianças percebem o mundo Fochi (2016) também elucida a potência das construções infantis, em seu livro *Arquiteturas fantásticas*, onde as construções das crianças ganham notoriedade. Nele há um olhar atento sobre as respostas imagéticas e indagações das crianças que são conduzidas a uma experimentação sensorial, cada momento com determinado elemento/materialidade, a fim de saber o que elas produzem ao serem direcionadas a um espaço contendo objetos cuidadosamente selecionados.

A partir de propostas como estas citadas acima é possível observar algumas pistas de como ocorre o processo de imaginação e criatividade da criança quando em contato com os objetos: investigam, se conectam, criam, experienciam, tocam, percebem, manuseiam, observam e brincam. Interagem brincando, testando e buscando entender, procurando algum sentido para elas nesta interação. E nesta busca as percepções ganham diferentes contextos e interpretações. A imaginação, então ocorre livre, trazendo à tona a mais pura (ideia).

Assim sendo e, de acordo com a pesquisadora Lucia Pimentel (2013) sobre a cognição imaginativa, ela ocorre quando a percepção das coisas se manifesta a partir das associações e conexões desenvolvidas pelo sujeito. E que por sua vez, reverbera na forma como interagimos com o mundo e a partir disto, associamos os elementos, interagimos com o mundo e criamos novos produtos: fruto de nossa percepção e interpretação do meio. Assim, a forma como cada criança percebe e organiza sua construção provém da maneira que cada uma delas percebe e interpreta o universo. Assim, para que a cognição imaginativa aconteça, conforme aponta a pesquisadora em seu artigo, é importante dar espaço para que o pensamento flua livremente a partir da interação do sujeito com a arte outras experiências estéticas. Isso sem que o mediador ofereça todas as pistas. Em vez disto, ele poderá instigar e deixar que as conexões partam do pensamento da criança e reverberem em suas ações, pois, “pensar arte é uma instância do espaço imaginativo, não como espaço de acaso, mas como espaço da construção do conhecimento. A imaginação tem um papel

fundamental da concepção cognitiva em arte, porque desenvolve sentidos por meio de metáforas” (Pimentel, 2013, p.99).

No caso das propostas deste artigo, ao potencializar o imaginário infantil, ressaltando a visão de mundo do sujeito, busca-se contribuir para que as construções resultantes deste processo partam majoritariamente das assimilações da criança em torno dos saberes típicos da infância. A vista disto, mapear estes experimentos em resposta à mediação. Assim, a coleta das respostas em relação ao que foi percebido com base nas assemblagens criadas, bem como ações, pensamentos e experimentações servirão como pistas para novos direcionamentos em futuras proposições. Logo, abarcar as respostas dessas proposições como suporte, pode contribuir para fomentar novas abordagens. Por exemplo, auxiliar outras pessoas com base nestes experimentos e resultados para mapearem sua mediação na realização de propostas artísticas infantis nas escolas. É sabido que há um desafio ao trabalhar esta faixa etária, uma vez que, na infância, as brincadeiras são o ponto de partida da interação das crianças em suas ações rotineiras. Nas escolas elas acabam se expressando a maior parte do tempo através das brincadeiras e este comportamento típico infantil em certos momentos impede que a atenção das crianças seja conduzida da maneira que nós professores necessitamos em certos momentos. Pensando nisto, oferecer propostas de mediação artística que seja por essência também uma mediação brincante, poderá proporcionar um diálogo em que as propostas e ações estejam interligadas e pensadas considerando a maneira que a criança já se expressa naturalmente. Dessa forma, propor ações que estejam entrelaçadas com o interesse natural das crianças, irá proporcionar maior interação do grupo a partir da ludicidade.

De acordo com Piaget: “se na representação cognitiva a assimilação acha-se em equilíbrio constante com a acomodação, no símbolo lúdico a assimilação vem primeiro nas relações do sujeito com o significado e até na construção do próprio significante” (Piaget, 1978, p.144). Desse modo cada criança absorverá cada assunto/tema, de acordo com as percepções infantis, a seu tempo, de acordo com seu grau de entendimento.

Neste caso a mediação tem como objetivo a participação efetiva nas propostas ofertadas, com o intuito de instigar os processos de investigação das crianças, fazendo parte deles como mediadora. Assim, por meio de registros fotográficos,

coletar informações que serão utilizadas como pistas para investigar e compreender como se dá o processo de imaginação e criatividade de cada indivíduo em relação a diferentes propostas e contextos. De acordo com esta percepção, Benjamim (2000) aponta que as crianças “sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria”. (Benjamim, 2000, p.18 e 19). Portanto, além de inspirar, a mediação precisa acontecer também através de embasamentos teóricos, práticos e culturais, tornando potentes as investigações naturais das crianças, de forma a canalizar o interesse espontâneo com possibilidades de ampliação do aprendizado.

Contudo, é necessário unificar a investigação inicial que desponta da criança, com o incentivo para despertar novos aprendizados. Atentando-se para a forma que este aprendizado acontece, pois, de acordo com Benjamim (2000) a informação sozinha não desencadeia experiência, pois não deixa lugar para que ela ocorra. Com base na reflexão de Benjamin, a informação esvazia-se sem a experiência, ao passo que, munida de experimentação, potencializa o aprendizado. Por isto, vincular as indagações infantis com suas percepções, entrelaçando apropriada base teórica com instigante referencial imagético, além de ambientação adequada e situações que despertem o imaginário infantil, amplia as percepções visuais, e conseqüentemente, as assimilações das crianças tornam-se mais abrangentes.

E considerando as assimilações das experiências das crianças Vygotsky (1990) também aponta importantes reflexões e ressalta que: quanto mais experiências o sujeito vivenciar, mais potente se tornará seu aprendizado ampliando sua capacidade de assimilação e o despertar de seu imaginário. Tais considerações favorecem o despertar das conexões genuínas nas assemblagens infantis, tornando perceptíveis ainda a expressão artística também através de experiências estéticas.

Experiências estas que, para Duarte (2000) a respeito da estética, ela não está vinculada necessariamente à arte, e sim, na comunhão mais profunda da expressão do que é sentido e percebido ao vivenciar uma experiência significativa de acordo com a percepção do expectador. Portanto, analisando a perspectiva de Duarte:

É preciso compreender que a evolução estética não se refere apenas e necessariamente à arte; refere-se também à integração mais intensa e profunda do pensamento, do sentimento e da percepção. Pode assim, suscitar maior sensibilidade em face da educação (Duarte, 2000, p. 38).

Nesse sentido, as considerações de Duarte (2000) enfatizam que durante o desenvolvimento de cada ser, a experiência estética é capaz de enriquecer o aprendizado, trazendo percepções e sensações diferenciadas em todas as áreas da vida.

No caso deste trabalho a intervenção se dará, principalmente, a partir de propostas de construções artísticas durante as interações com as crianças. Pelo incentivo para que se expressem compartilhando seus pensamentos, percepções e sensações. Assim, se sentirão estimuladas a interagir com os objetos inusitados e expressivos, escolhidos preferencialmente por apresentarem características que os desloquem de recursos já muito explorados. O convite a novas conexões é também um aliado, ressaltando assim: a forma, o cheiro, a materialidade, as cores... Desse modo, vai estimulando possibilidades diferentes de percepção e realocação. Em suma, dar espaço para que as brincadeiras permeiem as possíveis construções. Assim, nutrindo a experiência com diálogos, trocas, e livre expressão ao passo que a experiência estética atue como ponto de partida permeando as sensações durante esta experiência e ocasionando um despertar da curiosidade. Impulsionar o interesse para que as assemblagens resultem em construções artísticas.

Para tanto, a tridimensionalidade terá importante destaque durante este trabalho que sugere: instigar, propor, investigar, perceber, sentir dialogar, trazer informações e então, deixar a investigação mais fluida tornando a experiência autêntica, revelando a potencialidade das investigações infantis ao elucidar sua cognição, assimilação e compreensão de novos conteúdos. Os conteúdos, por sua vez, reverberam novos conhecimentos. Ademais é importante, “observar e escutar as pistas que a criança deixa ao longo do percurso. Cada criança é um universo potente de expressão, que oferece alguns pontos de partida para o professor criar ações poéticas e momentos de interação” (Barbieri, 2012, p.19). À vista disso, perceber como cada criança (traduz) em imagem suas ideias, ilustra uma reflexão acerca do que está por vir, uma vez que, no futuro, muito provavelmente, partirão delas as novas ideias, novos tipos de trabalhos e tecnologias. E a Arte caminha junto nesse processo, nutrindo as possibilidades de construção de novos sentidos e tornando visíveis os pensamentos e sentimentos de cada geração.

Nessa perspectiva, faz-se necessário abrir espaço para novas possibilidades de conexões de modo que evidencie e favoreça a expressividade infantil, salientando sua potencialidade e deixando florescer a autenticidade e independência de cada indivíduo em seu percurso investigativo. Este exhibe com graciosidade o imaginário das crianças ao passo que fornece pistas capazes de apontar outras direções para novas indagações. Fochi (2016) trata disto ao denominar: Arquiteturas fantásticas as conexões da criança no momento de livre interação com os objetos e com outrem. Além disso, observar como a espontaneidade permeia as expressões artísticas infantis traz à luz importantes apontamentos sobre esse direcionamento ao mediar os processos educativos. Processos estes, que podem se tornar campo fértil para estudos acerca do universo infantil e sua singularidade no percurso da aprendizagem. Portanto, mediar e assistir este trajeto de forma a equilibrar as abordagens durante as experimentações torna-se um dos objetivos mais desafiadores deste trabalho. Isso, considerando a relevância de dosar a interação a uma medida que seja: eficaz e livre. Livre ao passo que não desassista. Tal objetivo desponta novas possibilidades de interação como mediador, pois, traz reflexões acerca do que é relevante propor de acordo com as inclinações de cada grupo atendendo às suas necessidades. Partindo da observação do mediador acerca da expressividade infantil, percepção e imaginação, chegando à relação com o brincar e a cultura da infância. Também a expressividade corporal ligada à polimorfia: estado de entrega da criança à brincadeira de faz- de- conta, onde ela se vê como parte do objeto. A respeito da brincadeira;

O brinquedo tem um papel relevante na teoria de Vygotsky, pois o brinquedo nessa perspectiva é visto como uma possibilidade de provocar e estimular o desenvolvimento de uma criança. A brincadeira faz com que a criança internalize conceitos do meio social e também modifique suas funções psicológicas (atenção, memória, linguagem, percepção, entre outros), ou seja, é pelo ato de brincar que a criança se desenvolve. Diante disso, “é através do brinquedo que a criança atinge uma definição funcional de conceitos ou de objetos, e as palavras passam a se tornar parte de algo concreto (Vygotsky, 2007, p.110).

Nessa perspectiva a percepção do universo infantil e suas peculiaridades se fazem necessárias, evidenciando assim, a ressignificação dos materiais propostos, além da relação da criança com os objetos. Por esta razão, a proposta de trabalhar com as assemblagens infantis ganhou destaque nas abordagens. Isso gerou peculiar interesse em investigar como se dá este processo de busca, interação e assimilação das crianças a partir do contato com objetos de diferentes naturezas. Também como

elas transformam seus pensamentos em imagens expressando e traduzindo seus pensamentos, sentimentos e imaginação. Em torno da interpretação da criança, cada objeto recebe singular significado e torna-se o elo de interpretação de sua “cognição imaginativa” trazendo pistas de como a criança conecta e assimila as informações. Inicia-se assim o seu processo de organização imagética a partir do imaginário. Percepções como estas citadas acima trazem apontamentos sobre a relação com o aprendizado no ambiente escolar, sobretudo nas aulas de arte, onde a expressividade infantil reflete na interação brincante da criança no espaço artístico e nas propostas ofertadas na sala de aula. Logo, ao traçar direcionamentos sobre como mediar bem o processo de aprendizagem permeado pela brincadeira, oportuniza a construção de saberes. Principalmente nos momentos de livre expressão das crianças: o brincar natural, absorvas no universo infantil e se comportando dentro das potencialidades que a idade oferece, em sua totalidade.

Ao direcionar este artigo para o campo artístico e educacional, oferecendo propostas artísticas lúdicas para que a ação educativa perpassasse pela brincadeira, espera-se que a assemblagem ganhe foco mais precisamente pela a construção de brinquedos durante as abordagens em sala de aula.

Nessa dimensão, promove-se um entendimento da Educação Artística, não como um espaço para a aprendizagem contemplativa da Arte (do que ela foi e é) mas como um terreno de ação, de possibilidades de conferir aos alunos experiências significativas pelo artístico, pela partilha do “pensar”, do “fazer”, e do “fazer pensar”, modos onde o artístico promove a interferência no social e desencadeia em cada um conhecimento de si e valoriza a necessidade do comum (Barbosa, 2002, p.07).

Conforme aponta a pesquisadora Ana Mae Barbosa (2002), elaborar propostas artísticas e lúdicas de forma que a ação educativa perpassasse pela brincadeira, proporciona um terreno fértil para a criação de novos sentidos para a arte. Porque o lúdico em sala de aula, por exemplo, pode se tornar um facilitador da mediação, trazendo a brincadeira, que é típica do universo infantil, como elemento de diálogo, experimentação e troca. Sendo assim, o lúdico e o próprio brinquedo possibilita a mediação entre as crianças e os adultos. Apresentar como proposta a linguagem artística, ressaltando a prática no processo da aprendizagem, com base nas demandas que as próprias crianças apresentam, desperta o olhar para um caminho de mediação de escuta e proposição. Com base nessa ideia floresceu o meu trabalho sobre construção de brinquedos, a relação com o brincar e a cultura da infância.

Enquanto cada proposta correlaciona de forma abrangente e interdisciplinar, trazendo à tona reflexão e possibilidade de continuidade de exploração dos temas em outras áreas que não a da Arte. É a criação de espaços para desdobramentos no processo de aprendizagem das crianças.

Desde os primeiros anos de vida da criança, a Arte se torna aliada e se mostra fundamental principalmente na mediação de algumas propostas escolares. Sob esse aspecto, oferecer até mesmo elementos de nosso cotidiano como recursos da natureza e deixar fluir a imaginação, estimulando a curiosidade das crianças tornam este processo favorável. Porque a curiosidade infantil impulsiona para o saber, o desvendar... Abrir e olhar o que tem dentro, fora... Revirar, mexer e aprender. Conforme Piorsky (2016), as crianças querem sempre saber sobre a vida das coisas enquanto são elas próprias a despertarem tal atributo aos objetos a partir da imaginação.

Então, conectar as abordagens e mediações com processos criativos que perpassem pelo brincar, promove maior interação da criança com a proposta educativa favorecendo a união entre a Educação, os universos da Arte e os interesses típicos da infância. A Arte é capaz de potencializar as experiências, principalmente no ambiente escolar. Aliada a ludicidade e experimentação, tornam-se ferramentas indispensáveis nos primeiros contatos da criança com a mediação educativa. Porém, ainda que a Arte seja um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento de crianças de todas as idades, este artigo traz abordagens artísticas específicas para crianças a partir dos 04 (quatro) anos de idade. Conforme classifica Wallon (1981) os processos cognitivos da criança percorrem estágios pelos quais o desenvolvimento cognitivo e a capacidade de assimilação se intensificam, originando etapas que se elencam dos mais simples para os mais sofisticados. Portanto, visto o que ele denomina como estágio 3 - Personalismo, ao qual a criança estabelece intensa relação com os objetos e despertando indagações acerca do que se trata e também seu funcionamento, a faixa etária escolhida como foco para tratar neste artigo reflete no que ele denomina como estágio 4: Categorical, pois, tendo em vista as capacidades já desenvolvidas através da fase anterior, nota-se, portanto, a capacidade das crianças para explorar, definir, e formular conceitos e ideias sobre as imagens e objetos, bem como diferenciá-los e nomeá-los. Assim, explorarão com maior domínio as ações propostas. Contudo, este trabalho aborda temáticas que visam um recorte, traçando como foco o objeto para fomentar conexões artísticas, com ênfase nas assimilações teórico/práticas infantis, almejando maior autonomia das crianças em

seu percurso artístico. É importante auxiliá-las também na assimilação de conteúdo, trazendo ampliação das vivências artísticas através de temáticas que busquem correlação interdisciplinar, tencionando favorecer o desenvolvimento da autonomia em seus processos criativos.

Entretanto, observa-se que tão logo quando as crianças são alfabetizadas, há certa desvinculação da Arte no percurso educativo, de forma que esta, pouco a pouco se afasta dos outros processos em decorrência do foco na alfabetização. Então acaba por resumir-se a um momento semanal no calendário de atividade escolar. É neste ponto que este trabalho atua. Na vinculação da arte em todo o processo educacional, criando uma linearidade, adaptando ao nível de aprendizado e permeando todo o percurso do estudante. Dessa forma, é notável a importância da ação interdisciplinar nas propostas, sem criar uma ruptura com a Arte e sem negligenciar sua importância na construção de saberes.

4 OBJETOS INSTIGANTES E O DESPERTAR DA CONSTRUÇÃO ARTÍSTICA

A proposta de construção de brinquedos surgiu a partir da minha interação com os alunos em sala de aula e da observação das necessidades e também dos interesses manifestados pelas crianças durante os momentos de mediação. Vinculadas com temas diversos, cada proposta objetiva criar uma linearidade de expressão, imaginação, criação, movimento, percepção e assimilação da criança no desenvolvimento de cada atividade. Com isso originando um percurso fluido e expressivo ao qual se estimula as capacidades de realização de maneira cada vez mais autônoma, como pontua Nin (2016) em seus relatos sobre as próprias vivências quando criança e mais tarde, como educador.

De acordo com o que foi dito acima, o tema abordado neste artigo está relacionado principalmente a trabalhos artísticos e experimentos na área profissional que desaguou na necessidade de dar continuidade ao tema explorado: a realocação de objetos nas assemblagens infantis. Após notar a receptividade das crianças em relação às propostas artísticas ofertadas, as experimentações deste estudo ganharam novo fôlego. A construção de brinquedos tornou-se, então, ponto de partida para o processo de estudo e experimentação com as crianças, de forma que, inicialmente eram despertadas pela curiosidade e posteriormente, viam-se instigadas pela apresentação de seus próprios feitos. Assim, as assemblagens infantis, bem como a realocação de objetos tornaram-se o foco das abordagens artísticas. Principalmente ao correlacionar tais experimentos com algumas propostas escolares, cujo perfil educacional elucida um aprendizado pautado na fluidez e espontaneidade das crianças, proporcionando às crianças maior autonomia em seus percursos criativos. Este, por sua vez, é alimentado pela dinâmica fluida da imaginação como potente disparador para a experimentação. Associado à teoria, práticas como estas são capazes de traçar paralelos interdisciplinares capazes de ampliar o aprendizado de forma significativa.

Para alcançar os objetivos propostos por este trabalho, uma participação efetiva de todo o processo torna-se indispensável. Para tanto, durante aulas de Arte em escolas ou demais oficinas ministradas no período de vigência deste estudo, o foco

será: as construções e assemblagens infantis durante o processo de aprendizagem. Alternando propostas livres baseadas em temas previamente selecionados e a construção, baseada no processo de criação de brinquedos, considerando interesses típicos infantis. As abordagens serão distintas para cada grupo de forma a adequar as propostas de acordo com a faixa etária das crianças participantes.

Os materiais disponibilizados para as experimentações também irão respeitar esta condição. Sendo selecionados, principalmente, por não oferecer nenhum risco ao serem manuseados por crianças. As atividades serão realizadas em diferentes locais, portanto os registros coletados durante o período de desenvolvimento deste trabalho serão distintos. A abordagem, entretanto, será a mesma: A construção com base na cognição imaginativa infantil, ressaltando ainda a polimorfia presente no processo do brincar e nas demais interações da criança com os objetos. Também com o processo de assimilação de conteúdos e o processo imaginativo que permeia o brincar.

Tencionando alcançar os objetivos desejados nesse trabalho, há intenção de criar cartografia para tornar visíveis os trabalhos realizados pelas crianças. Através de catálogos e exposições, que podem também ser viabilizadas por plataformas digitais, ampliando assim a visualização dos feitos realizados também por outras crianças. Estendendo, ramificando e gerando uma espécie de recurso imagético. Então, ao final deste estudo, haverá um portfólio digital onde seja possível visualizar trabalhos de Arte feitos por crianças, expandindo o aprendizado mútuo e contemplando a troca de ideias, informações e técnicas utilizadas por elas.

Visto que nós, adultos, possuímos este recurso: recorrer a obras de artistas renomados, orientações de professores e até mesmo colegas, considero pertinente que as crianças também o façam. Porque ao observar a maneira como partilham com as outras os seus saberes e auxiliam-se mutuamente, julgo oportuno criar uma biblioteca virtual, de modo que tal plataforma amplie a comunicação entre as crianças. Isso pode ser alcançado com base em recursos tecnológicos que têm a função de auxiliar nas consultas de outros trabalhos artísticos. É um recurso que, cada vez mais, vem sendo utilizado em escolas, uma vez que o acesso à internet apresenta-se tão acessível quanto necessário.

Cabe ainda ressaltar que o acesso à rede digital, por sua vez, não contempla todas as pessoas e lugares, portanto, saliento que esta plataforma será apenas uma das

facetas possíveis para ampla divulgação desses trabalhos, podendo contar ainda com recursos analógicos. Em ambos os casos, apresentar às crianças trabalhos realizados também por crianças rompe uma barreira há muito vista nos ambientes escolares: (“eu não consigo” ... “não sei”). Apresenta-se também como metodologia: a elaboração de materiais que possibilitem criar exposições de trabalhos realizados por crianças em espaços públicos da cidade, ampliando assim a visibilidade dos trabalhos por elas realizados. Também, compartilhá-los através de impressos onde possa ser catalogado e disponibilizado como material de apoio em escolas. Dessa forma, ressignificar o percurso de aprendizado tencionando ampliar as modalidades de exposição de trabalhos artísticos infantis, fazendo-os ir além das paredes nos corredores das escolas (sabe-se que algumas vezes acabam sendo descartados ao final do ano letivo).

Em virtude disso, tal proposta almeja ampliar a visibilidade desses trabalhos além de preservá-los. Através deste trabalho, será possível, por intermédio de plataforma virtual, encontrar trabalhos artísticos através de buscas por filtro de: escolas, classes e também por aluno. E a partir desse filtro obter informações sobre a produção realizada, por exemplo: as técnicas desenvolvidas, nome da obra e suas respectivas dimensões. Dessa maneira poderão ser criadas conexões artísticas e imagéticas interescolares, diluindo sensivelmente as distâncias dos alunos e ao mesmo tempo criando espaço para um interessante diálogo entre escolas. Assim, tornando expansível o aprendizado também por intermédio do universo virtual. Através de plataforma digital que ofereça recursos imagéticos contemporâneos de crianças. Tal recurso aproxima a realidade expressiva infantil de modo que o que é visto tem ressonância com o que a criança consegue produzir, dentro da perspectiva de assimilação infantil, evidenciando toda a maestria e singularidade pueril nos traços em criações ou reproduções de imagens.

Dessa forma, ajudar a reformular conceitos acerca do que “é correto” ou esteticamente belo. Nesse sentido, ampliar a circulação de imagens elaboradas por crianças, com a finalidade de se criar um banco de dados imagéticos nos quais poderão consultar os trabalhos umas das outras. Essa possibilidade torna palpável acompanhar em grande escala o que estão aprendendo, além de divulgar através de ficha técnica: o nome e idade da criança, a qual escola pertence, qual foi o mediador quais técnicas foram utilizadas e os materiais. É importante ressaltar que a plataforma

virtual contemplará apenas imagens e suas respectivas descrições em fichas técnicas, não havendo, portanto, fotos das crianças, salvo com autorização dos pais ou de seus responsáveis.

4.1 - PROPOSTA PEDAGÓGICA

Convidar (inicialmente, duas a três) escolas parceiras para contribuir trabalhando coletivamente com este trabalho durante o período de realização deste estudo. Assim, tornar possível a experimentação com as turmas e a divulgação dos trabalhos realizados gerando no primeiro momento um banco de dados impresso em formato de catálogo. Posteriormente em um banco de dados virtual para que seja possível o acesso pelos próprios alunos e pelas escolas. As experimentações serão a partir de abordagens artísticas temáticas de construções de brinquedos: Estação Movimento – Estação retalho – Estação da Costura – Estação Científica – Estação Robótica – Estação Digital – Estação do Futuro.

ESTAÇÃO MOVIMENTO: desenvolvimento de brinquedos a partir da história dos carros. Porém, com o foco nos mecanismos de movimentação. Para esta estação o ambiente contará com uma pista de carros construída a partir de tapete ou tatame, cercada contendo uma placa indicativa: (Para brincar, construa seu carrinho!). O ambiente será convidativo, contendo principalmente espaço para a oficina acontecer. Nele terão disponíveis diferentes materiais para livre acesso e escolha da criança, que iniciará, com mediação, suas assemblagens e experimentação.

ESTAÇÃO DO RETALHO: confecção de personagens a partir da história das bonecas e fantoches, ressaltando sua diversidade e materialidades. Partindo de retalhos de materiais variados, para que possam experimentar as diversas possibilidades. Para tanto, é necessário auxiliar as crianças principalmente quando iniciarem o processo, dando-lhes sugestões quanto à base, peso e proporção dos objetos escolhidos. Para esta experimentação terá também como proposta, peças soltas de bonecas (brinquedos quebrados), sugerindo uma conscientização sobre reutilização e novas construções Estação da inventividade e da reconstrução.

ESTAÇÃO DA COSTURA: Parada para aprender a costurar! Com tela antiderrapante do tipo vazada, linha de croché e durex para vedar a ponta da linha, dispensando o uso de agulhas. Usando molde, linhas, tecido e tela.

ESTAÇÃO CIENTÍFICA: Agora o passeio pela construção de brinquedos será a partir da observação do céu. Entre tantas invenções que permitiram observar o universo, o objetivo desta estação será construir novos modelos de lunetas, naves e sondas espaciais e poder compartilhar os universos peculiares. Para esta experiência haverá uma luneta gigante que será utilizada como recurso visual e de experimentação, de forma que se possa agachar por detrás dela e movimentá-la para observar através dela. Apontar para o céu e ver, imaginar, supor... Assim as crianças poderão manuseá-la, andar em volta, movê-la, mexer, girar, olhar e contemplar as imagens que aparecem ao apontar para cima. Essa introdução irá nutrir a criatividade no momento em que irão confeccionar a própria luneta. Despertará assim o interesse através da imaginação, da criatividade e da liberdade ao se expressarem pela ludicidade.

ESTAÇÃO ROBÓTICA: Nesta estação as construções sugerem singelos movimentos mecânicos, originando inusitadas conexões, amparadas pelo mundo robótico e também pela história do surgimento dos Robôs. Então, incentivar a contribuição das crianças ao mundo das invenções.

ESTAÇÃO DIGITAL: Nesta parada o foco será o trabalho coletivo para a construção de um brinquedo gigante: uma nave espacial. O foco principal desta proposta é criar um painel de controle dentro de um espaço físico construído previamente a partir de lençóis. O espaço/nave, a partir de então, será imaginário e a concentração da atividade será pautada no painel de controle “eletrônico”.

ESTAÇÃO DO FUTURO: Esta proposta objetiva despertar questões sobre o devir no mundo das invenções. Utilizando os brinquedos como elemento mediador das propostas, possibilitando releituras, novos mecanismos e funções. Ressaltando, entretanto, o uso das tecnologias para descobrir, imaginar, criar e se sentir parte do brinquedo. Não pela surpresa ao recebê-lo, mas pelo prazer de confeccionar. A capacidade de desenvolver algo novo é o combustível para dar continuidade às descobertas que estão por vir. As crianças, no futuro, trarão novas proposições em vários setores da vida, então, começaremos nossos esboços, daremos juntos os primeiros passos em direção às novas construções e ideias que surgirão. E, quem sabe alguns destes brinquedos criados por aqui, a partir de objetos não convencionais não seja o embrião neste longo processo de criatividade? Estação do futuro... Para

esta viagem no tempo as propostas de materiais serão as mais variadas possíveis. Já visitaram com outros olhos um depósito de construção? Lá existe uma infinidade de materiais interessantes, nos quais aplicaremos funções diferentes do usual. Imaginem quanta serventia pode ter uma mangueira de fiação elétrica? É muito versátil. Serão eleitos materiais desta natureza, que não ofereçam nenhum tipo de risco no manuseio e que, pela simples materialidade, sugerem outras conexões. Esta atividade será para construções livres. Portanto, quem dará os comandos, serão os pequenos inventores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de propostas artísticas para a educação infantil, as experiências em Artes Visuais tornaram-se cada vez mais atraentes e diversificadas. Porém, ligando-se a um foco principal que chamo de assemblagem/brinquedo, que tornou-se ponto trabalho de Arte e Educação. Assim, as diversas experiências com arte permeadas pela brincadeira no campo educacional se conectaram trazendo resultados que se complementam, fomentando assim este estudo em desenvolvimento: A realocação de objetos a partir das assemblagens infantis e a construção de brinquedos.

Este trabalho foi desenvolvido buscando traçar paralelos entre temas e abordagens artísticas no processo educativo. Dessa forma, confere refletir sobre propostas e materialidades durante o processo de ensino-aprendizagem da Arte e seu impacto nas experiências enfatizando a autonomia das crianças. Como instrumento, utilizo recursos interpretativos e imaginativos durante o processo criativo individual, bem como mecanismos tecnológicos contemporâneos que se apresentam também como possibilidades de realocação e ressignificação de objetos através da Arte. A vista disso, o estudo aqui apresentado aborda os temas supracitados, nos quais as abordagens aqui desenvolvidas possam ser aplicadas a fim de tornar este trabalho mais consistente através da experimentação das propostas.

Neste contexto, buscar entrelaçar os questionamentos que impulsionaram este artigo (tendo como amparo as contribuições de pesquisadores experientes que trouxeram potentes investigações no campo das Artes Visuais) torna este percurso inspirador, mas também torna esta busca mais desafiadora. Contudo, este convite para dialogar com outras possibilidades de entendimento. É como uma “dança” em que os pares são pesquisadores trilhando com maestria o caminho que inicio.

Aproximar os interesses típicos das vivências das crianças com os universos da Arte através da ludicidade é uma interessante forma de adaptar conteúdos ressaltando a potencialidade do imaginário infantil. É deixar emergir novas questões, apontamentos e direções, por vezes, não percebidas ou deixadas ao acaso. Identificar assim as necessidades e adaptar as abordagens apresentando propostas que

dialoguem com as vivências infantis contribui para tornar o processo educacional cada vez mais assertivo. Ainda que tal processo esteja em constante modificação, o que torna essa busca incessante.

Por outro lado, diferentes recursos estão sendo utilizados atualmente, sobretudo no campo tecnológico, uma vez que a tecnologia torna-se cada vez mais, palco de interação das novas gerações. Porque a geração atual está inserida neste universo: digital e tecnológico. Com base nessa evidência, busco um encontro harmonioso com a tecnologia, traçando a união entre elementos visuais e virtuais. Isso possibilita um diálogo contemporâneo que contempla este artigo e a troca de experiências no âmbito virtual ao passo que acolhe e incentiva também os processos de experimentações práticas através do fazer artístico. Portanto, instigar, acolher e dar espaço para as assemblagens e construções acontecerem no campo físico é tão importante quanto aquelas descobertas que ocorrem também no ambiente virtual. Logo, esta união em equilíbrio torna-se potente elemento de complementação, capaz de proporcionar notável amplitude de exploradores, ampliando nosso leque de possibilidades como mediadores.

REFERÊNCIAS

- Barbieri, Stela. Interações: Onde está a arte na Infância? São Paulo: Blucher, 2012.
- Barbosa, Ana Mae. (org.) Mudanças e inquietações no ensino de Arte. São Paulo: Cortez, 2002.
- Benjamim, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Editora 34, 1º edição – 2002 (3 reimpressões), 2 edições – 2009 (2º reimpressão – 2014). Brasiliense, 2000. p.18 e 19.
- Benjamim, Walter. Rua de Mão Única. Obras escolhidas II. São Paulo, 2010.
- Duarte Jr, Fundamentos estéticos da educação. Campinas: Papyrus, 1988.
- Fochi, Paulo. Arquiteturas Fantásticas: ideias, teorias e narrativas de crianças de 2 e 3 anos. São Paulo: Unic Gráfica e Editora, 2016.
- Nin, Paulo. O espírito das coisas: Desenho assemblagens e brincadeiras na educação infantil. Maceió: Edufal, 2013.
- Piaget, Jean (1978). A formação do símbolo na criança. Trad. Álvaro Cabral e Cristiano M. Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- Pimentel, L. G. Cognição Imaginativa. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, p. 96-104, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15640>. Acesso em: 2 maio. 2024.
- Piorsky, Gandhi. Brinquedos do chão – A natureza, o imaginário e o brincar. 2016
- Vygotsky, Lev S. (1984). A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto, Luis S.M Barreto e Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes.
- Wallon, Henri (1981). A evolução psicológica da criança. Trad. Ana Maria Bessa. Lisboa: Edições 70.